

# Frank Lloyd Wright e o Museu Guggenheim

(De Vera Pacheco Jordão — Excl. Para O GLOBO)

NOVA YORK, abril (Via VARIG) — A primeira coisa que fiz questão de ver em Nova York foi o Museu Guggenheim, cuja arquitetura tem sido tão discutida que, até agora — quase dois anos e meio após sua inauguração —, ainda serve de tema para artigos publicados em revistas e jornais das mais

remotas partes do mundo.

De fato, essa última obra de Frank Lloyd Wright, a única que o grande arquiteto realizou em Nova York, e não chegou a ver terminada, por sua singularidade presta-se às mais apaixonadas controvérsias, quer do ponto de vista da arquitetura ou da museologia. Os leitores

já terão, certamente, visto fotografias do edifício, composto de dois corpos afunilados, estreitos na base e alargando para o alto, no interior dos quais a circulação é feita por meio de rampas em espiral, um prédio servindo à administração, outro às exposições.

\*\*\*

Na mostra atualmente apresentada pelo Museu de Arte Moderna de Nova York, que selecionou 250 admiráveis desenhos de Frank Lloyd Wright — dentre os oito mil conservados nos arquivos de Taliesin — pode-se ver que já em 1925 o arquiteto concebia um edifício redondo, com circulação em caracol, um torreão, com rampas externas para automóveis circundando um planetário, cuja cúpula coroava o edifício.

Pelos desenhos preliminares do Museu Guggenheim,

\*\*\*

Sob o ponto de vista da museologia, concordo com aqueles que criticam Frank Lloyd Wright, e chegam a dizer que o grande egocêntrico timbrou em projetar um museu no qual a arquitetura sobrepujaria todas as outras artes que ali se apresentassem. De fato, ao sair do elevador que conduz do rés-do-chão ao alto da rampa, recebi em cheio o impacto daquele grandioso espaço interior que se dilata à medida que se eleva, culminando na claridade da harmoniosa cúpula central, a rampa em espiral modelando o espaço e criando a impressão de continuidade que sustenta organicamente o conjunto.

Entretanto, assim que procurei ver os quadros ali expostos, verifiquei que se trata de uma obra de arquitetura abstrata, sem relação com os objetivos de um museu, diria mesmo, oposta a esses objetivos. A inclinação da espiral e suas curvas criam perspectivas nas quais os quadros parecem não estar a prumo, mudando de ângulo à medida que o visitante caminha, o que causa certa sensação de atordoamento; a visão a distância, através do centro vazio — interessante pelo aspecto dinâmico dos visitantes circulando —, é prejudicada pelo peitoril interno da rampa que, conforme a altura em que se encontra o espectador, corta a parte superior ou inferior dos quadros.

Já não incluo entre as falhas primordiais do museu a ausência de espaço para conter o seu vasto acervo, pois este deveria ser localizado num terceiro prédio, de quinze andares, que não foi construído, ficando assim mutilado o conjunto arquitetônico e criada a absurda situação de servir o museu apenas para exposições temporárias. Mas fiquei decepcionada ao constatar que, no edifício da administração, no nível do último andar — onde fica o gabinete do diretor, e há espaço aberto para recepções —, foi preciso vedar com material plástico o espaço central a fim de isolar o barulho que sobe dos escritórios localizados nas rampas, anulando-se assim o efeito arquitetural.

\*\*\*

Essa ausência de sentido funcional, tão freqüente na arquitetura moderna, é especialmente chocante quando se trata de um arquiteto do porte de Frank Lloyd Wright. Porém, ao ver no Museum of Modern Art os seus desenhos, belíssimos em si mesmos, senti-me empolgada pela riqueza imaginativa de seus projetos — muitos dos quais nunca executados —, alguns descambando para a bizarraria, outros grandiosos em sua audácia e pureza de linhas, como o arranha-céu da altura de uma milha, para Chicago, as pontes levadiças conjugadas com o centro comunitário de Pittsburgh.

Harmoniosos ou extravagantes, os projetos de Frank



... um museu no qual a arquitetura sobrepujaria todas as outras artes que ali se apresentassem

Lloyd Wright trazem a marca de inconfundível individualidade de uma força criadora original que está no extremo oposto daquilo que vemos atualmente nas ruas de Nova York: a monotonia dos novos edifícios de esquadrias metálicas, vidro e plástico, alguns perfeitos quando considerados isoladamente, porém formando um conjunto frio, de formas esquemáticas, desumanas em sua falta de densidade.

Esses edifícios — em quarteirões inteiros de Park e Fifth Avenue, começando também em Third e Seventh Avenue —, que recortam contra o céu o grafismo de suas rígidas linhas geométricas, já não abrigam os homens: suas paredes transparentes deixam-nos suspensos no ar, como que à mercê das intempéries, expostos à vista, privados do recato indispensável à vida.

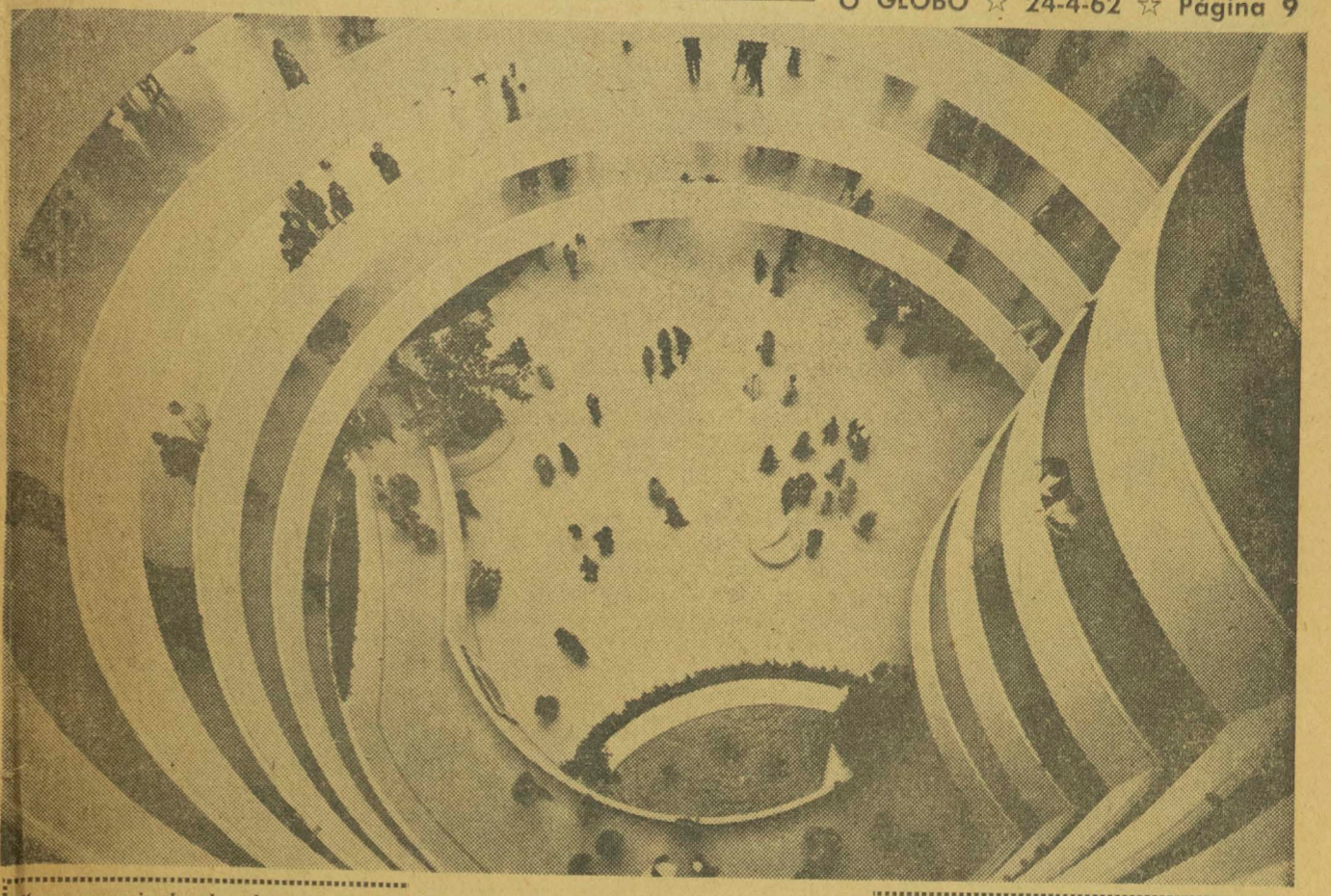
\*\*\*

Em Brasília já temos os ministérios envidraçados de alto a baixo, e, apesar do re-

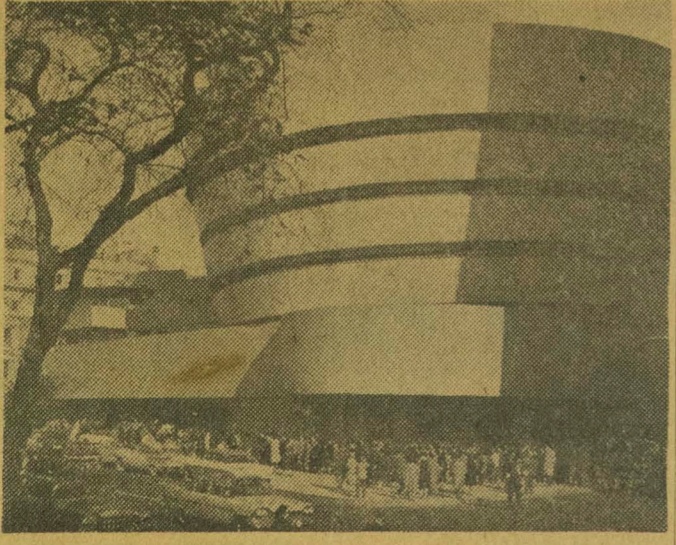
sultado nefasto dessa experiência, ao que parece os edifícios novos do centro do Rio de Janeiro vão pelo mesmo caminho.

Vamos parar enquanto é tempo, antes que aconteça às nossas cidades aquilo que

está acontecendo em Nova York, cujo sentido humano, feito da contraposição de épocas sucessivas e variedades de estilos, está desaparecendo à medida que a cidade enverga o uniforme de aço e vidro, de modelo internacional.



... ao sair do elevador que conduz do rés-do-chão ao alto da rampa, recebi em cheio o impacto daquele grandioso espaço interior que se dilata à medida que se eleva...



Aspecto exterior do Museu Guggenheim

Contemporânea